UM ROMÂNTICO NO PORTO

Por **José Augusto Seabra**

Terá o Porto sido o lugar privilegiado de manifestação, no fogo das lutas liberais, de um momento de consciência do nosso Romantismo, por um desses cruzamentos diacrónicos de temporalidades heterogéneas de que a história literária se entretece, quando a visionamos não como uma linearidade redutora — mesmo se se pretende dialéctica — mas como um processo feito de recorrências múltiplas, em que os fios de um texto complexo passam e repassam?

Eis a questão a que tentaremos responder, surpreendendo as primícias públicas de um dos nossos escritores a quem o epíteto de «romântico», por discutido teoricamente que seja, dificilmente poderá ser negado: Alexandre Herculano.

Entre o desembarque no Mindelo, empapado de exílio e de poesia, e a corajosa demissão das suas funções na Biblioteca Municipal do Porto, na ressaca do Setembrismo, atravessando as penosas provas de soldado do cerco, o autor da *Voz do Profeta* encontrou energia bastante para repartir-se por solicitações multímodas: as do revolucionário e do cidadão, do historiador e do escritor, com aquela paixão funda e austera, sóbria mas intensa e coerente, que lhe foi delinando o perfil e a máscara. A menor dessas solicitações não seria, entretanto, a de tentar nem mais nem menos do que a própria elaboração dos prolegómenos a uma Poética do Romantismo, cuja necessidade como ninguém ressentia, diferentemente aliás de Garrett, apesar de a este ser atribuída, pela publicação em 1925 do *Camões*, a prioridade da iniciação romântica.

Para lá da discussão acerca destas balizas cronológicas, como termo inicial de uma época literária, quais as propuseram por exemplo Fidelino de Figueiredo, de um lado, e António José Saraiva e Óscar Lopes, do outro, importa sobretudo, como o acentuou Jorge de Sena, estar em guarda contra o «perigo maior» de uma periodização estética do Romantismo: se esta «não pode

nem deve, evidentemente, ser separada da História Geral» — diz Sena —, «identificá-la demasiadamente com os critérios dessas disciplinas diversamente genéricas não resolve o problema, do mesmo modo que um critério exclusivamente *estético* o não resolve, se não tiver em conta o complexo de ideias e pressupostos culturais nem sempre conscientemente subjacentes à criação estética» [1]. Estas tentações simétricas, que consistem em considerar o Romantismo português ora como mera expressão literária do liberalismo político e económico, ora como um corpo homogéneo de doutrinas estéticas referidas a modelos alheios, estudados de per si, levam a equívocos e impasses graves: desde os formalistas russos que a correlação das séries literárias com as outras séries históricas foi reposta em termos metodologicamente inter-estruturais — nós hoje diríamos de preferência inter-textuais —, de modo a apreender a diversidade de «formas do tempo» em que se traduzem [2].

A sugestiva tese de Eduardo Lourenço, a propósito de Garrett e do tempo do nosso Romantismo, segundo a qual «o que o 'romântico' português vai descobrir e viver [...] é uma espécie de *inter-Tempo*», parece-nos fecunda, com a condição de não contrapor esse inter-tempo, pura e simplesmente, a um tempo hipostasiado numa *Weltanschauung* ideal, como ele propende a fazer, ao afirmar que «se o Romantismo foi, como é lícito supô-lo, a tradução estética de uma visão do mundo perfeitamente articulada — a da filosofia transcendental de Kant e os seus prolongamentos idealistas — lícito será duvidar que aquilo que assim chamamos entre nós mereça essa designação» [3]. Eduardo Lourenço quase sucumbiu, parafraseando ainda Jorge de Sena, já não ao «perigo maior» atrás apontado, mas à «tentação maior que podemos sentir em relação ao Romantismo português»: a de «concluir polemicamente que ele não existiu» [4].

Vejamos como, no caso de Herculano, se verifica precisamente um sobressalto da consciência romântica, onde o entrechocar de tempos é visível, nesse instante em que, após o seu regresso de proscrito, as convulsões da guerra civil, pimeiro, e o desgarramento da oposição fraticida entre as várias facções liberais, em seguida, exacerbam a carência de uma teorização mais exigente das experiências literárias a que desde o exílio se lançara e que agora prosseguia ao lado do seu labor de bibliotecário, no pressentimento já das decepções políticas a vir. É assim que o vamos encontrar, por 1835, a colaborar no *Repositório Literário*, do Porto, com artigos em que defende os pres-

---

1 *Para uma Definição Periodológica do Romantismo Português*, in *Estética do Romantismo em Portugal*, Lisboa, 1974, pp. 67-68.

2 Cf. George Kubler, *Formes du Temps*, Paris, 1973.

3 *Romantismo e Tempo e o Tempo do nosso Romantismo*, in *Estética do Romantismo em Portugal*, op. cit., pp. 107 e 105.

4 *Op. cit.*, p. 70.

supostos de uma nova poética, que ponha fim ao anacronismo das nossas letras: «A parte teórica da literatura — escreve ele — há vinte anos que é entre nós quase nula: o movimento intelectual da Europa não passou a raia de um país onde todas as atenções, todos os cuidados estavam aplicados às misérias públicas e aos meios de as remover» [5]. Dessas misérias, Herculano fora e continuava a ser, não apenas testemunha, mas denunciador implacável: de soldado anónimo a funcionário exemplar, mantivera-se um cidadão fiel à Carta que jurara, às Reformas de Mouzinho da Silveira, ao ideário moderado do liberalismo, hostil sempre a radicalismos extremistas. A sua voz e a sua pena independentes faziam-se regularmente ouvir. Preocupavam-no, porém, acima de tudo, as questões da Cultura e do Ensino, que não estavam à altura dos valores existentes e potenciais: «Em Portugal — escreve — ainda há homens cheios de vasta erudição, de filosofia e de génio. Tiranias mais ou menos longas, mais ou menos cruéis, os têm conservado na obscuridade de que devem sair, agora que não se receia a instrução, agora que os resguarda a égide da lei» [6]. O partidarismo, o fanatismo, o obscurantismo impediam a educação de frutificar: «Nós não desejaríamos [...] que uma tal obra fosse puramente órgão desta ou daquela escola, deste ou daquele partido. Convém que os princípios opostos sejam examinados de boa fé e sem cerimónia; a intolerância em ideias políticas ou religiosas é odiosa; em matérias científicas é ridícula» [7].

Entre as matérias científicas que em concreto considera prioritárias situam-se, é claro, liminarmente, os estudos literários, podendo dizer-se que Herculano lança, para além da ideia matriz de uma teoria da literatura, as bases do que só quase um século mais tarde viria a ser uma Faculdade de Letras do Porto, como aquela de que aqui somos continuadores: «Um curso de literatura — dizia ele — remediaria os danos que devemos temer, e serviria ao mesmo tempo de dar impulso às letras» [8]. Curioso será notar que, mais tarde, Herculano recusaria, em Lisboa, a regência de uma cadeira de História no Curso Superior de Letras...

Mas o seu fim obsessivo, que aqui nos interessa sobremodo analisar, é ainda explicitado de forma mais precisa nesse texto: «Se coubesse nas nossas diminutas forças um trabalho de tanta magnitude, nós começaríamos por discutir qual o objecto da poesia» [9]. Problema por excelência atinente à Poética, como se vê. Quer esta seja tomada, metonimicamente, como *poética restrita*

---

[5] Cf. «Qual é o Estado da Nova Literatura?» in *Herculano, Um Homem e Uma Ideologia na Construção de Portugal*, Lisboa, 1979, p. 87.
[6] *Idem*, p. 88.
[7] *Idem, ibidem.*
[8] *Idem, ibidem.*
[9] *Idem, ibidem.*

ou *generalizada,* o certo é que para Herculano ela decorre de uma «filosofia geral das letras», ou mesmo das artes — isto é, de uma *Estética:* «O exame das diferentes teorias sobre o belo e o sublime, e a consequência, o objecto imediato a que nos conduziram os respectivos raciocínios, dariam em resultados os princípios necessários e universais de todas as poéticas...» [10].

É porém para uma Poética do Romantismo que, a partir da história das literaturas clássicas, e desembocando numa autêntica teorização geral das literaturas românticas, nas suas múltiplas manifestações nacionais, Alexandre nitidamente aponta, como seu horizonte último: «Indagando a história da poesia nos diversos tempos e nações vê-la-íamos depois da queda da bela literatura greco-latina, surgindo do norte com um sublime de melancolia e mesmo de ferocidade, próprio dos povos que a inventaram: veríamos esta poesia fundida com os restos da romana, e posteriormente com a árabe, produzir as diversas espécies do romântico, dessa poesia variada e verdadeiramente nacional, na França e nas duas penínsulas, e termo médio entre a bela simetria clássica e o sublime gigantesco do setentrião» [11]. Podemos ler aqui, em filigrana, ou em esboço, alguns dos elementos característicos do Romantismo, como a contraposição da diversidade de formas românicas nacionais aos modelos greco-latinos clássicos, embora com uma nota de compromisso típica do momento de refluxo em que se situa, por referência ao Romantismo francês dos anos 30, em que alguns vêem aliás já um «Contra-Romantismo» [12]. Da França trouxera Herculano os ecos de um Lamnenais, de um Hugo e de um Chateaubriand, que se repercutirão nas apóstrofes anti-setembristas de *A Voz do Profeta* e noutros textos em prosa poética ou em verso, estes depois incluídos na *Harpa do Crente.* Diferentemente de Garrett, que se mantivera sobretudo agarrado às saias de Madame de Staël, Herculano foi entretanto profundamente sensível ao conhecimento dos Românticos alemães, e justamente, entre outras coisas, no acolhimento que deu à teorização da literatura por um Augusto Wilhelm Schlegel, que o autor do *Catão,* quanto a ele, minimizava. Sabendo-se como se sabe que uma das características fundamentais do primeiro Romantismo — o de Iena — foi a tentativa de elaboração de uma *Poética geral* [13], pode ver-se nos artigos do *Repositório Literário* a prova provada da preocupação herculaniana de seguir a lição dos grandes mestres germânicos. Apesar de todas as distâncias, a sua doutrinação não será pois assim tão «fruste» como o pretende Alberto Ferreira [14], o

---

[10] *Idem, ibidem.*

[11] *Idem, ibidem.*

[12] Cf. Jorge de Sena, *op. cit.*, p. 74.

[13] Cf. Ph. Lacoue-Labarthe e J. L. Nancy, *L'Absolu Littéraire, Théorie de la Littérature du Romantisme,* Paris, 1978, p. 9.

[14] *Perspectivas do Romantismo Português,* Lisboa, 1971, p. 67.

qual releva de resto também em Herculano influências da estética subjectivista kantiana. Daí poderem relativizar-se as conclusões pessimistas de Eduardo Lourenço quanto à existência de um autêntico Romantismo entre nós, pois o que de Garrett infere não será de todo em todo transponível para Herculano.

É interessante, a este respeito, atentar mais de perto nos termos em que as alusões aos primeiros tentames românticos garrettianos se manifestam no texto do *Repositório Literário* que nos vem servindo de pista indiciadora. Herculano observa que «os poemas *D. Branca* e *Camões* apareceram um dia nas páginas de uma história literária sem precedentes que os anunciassem, um representando a poesia nacional, o romântico; outro a moderna poesia sentimental do Norte, ainda que descobrindo às vezes o carácter meridional do seu autor» [15]. Ter-se-á reparado que não é *Camões,* como os historiadores da literatura viriam a propor, o primeiro paradigma do Romantismo, para Herculano, mas sim a *D. Branca,* atribuída como se sabe por Garrett ao seu mestre neo-clássico Filinto Elísio, que traduzira para a nossa língua o modelo inspirador do livro: o *Oberon* de Wieland. A que se deve esta inversão crítica? Talvez a um incipiente cotejo dos dois poemas, pois o seu comentador confessa não ser esse o lugar para o «exame dos méritos ou deméritos» respectivos. O que é certo é que ele os apresenta como sendo, até então, «os únicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a dos nossos maiores» [16], isto é, exemplos acabados da libertação dos espartilhos arcádicos. A dificuldade de aprofundadamente os analisar e criticar era perfeitamente compreensível, até porque, como Herculano acentuara, a «parte teórica da literatura» era desde há vinte anos «quase nula».

Repare-se: o futuro exilado de Vale de Lobos, nascido em 1810, poucos mais anos tinha. Mas as duas décadas citadas fazem-nos retroagir precisamente à época da educação arcádica de Garrett, começada com um tio padre na Terceira e completada em Portugal com Filinto. Herculano não deixa, deliberadamente, de marcar as diferenças temporais entre ambos, as quais são, outrossim, diferenças de formação, temperamento e linguagem. Que admira que os historiadores da literatura tenham hesitado em optar por um ou por outro para balizar o Romantismo, quando não os excluem aos dois de tão ambígua categoria literária? E não haverá que apreender as próprias indeterminações que em qualquer deles existem, em equilíbrio ora estável ora instável? Veja-se Garrett, no prefácio à 1.ª edição do *Camões,* esse pretendido poema inaugural do Romantismo: «Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia...» [17]. R. A. Lawton comenta pertinentemente: «Quando

[15] *Op. cit.*, p. 87.
[16] *Op. cit.*, p. 87.
[17] *Obras Completas,* I, Lisboa, 1905, p. 194.

afirma e reafirma que não é clássico nem romântico, declara que é, a todo o momento, clássico e romântico: concilia em sua pessoa duas posições antagónicas, comportamento tipicamente garrettiano em questões de doutrina, seja qual for a dimensão da sua actividade mental» [18].

Mas não falava também Herculano, no texto aqui citado, do «termo médio» entre «a bela simetria clássica» e o «sublime gigantesco» romântico? Num e noutro caso, uma coincidência dos opostos, com graus e tipos de relação variáveis. O mesmo se diria das posições políticas, num cruzamento mútuo altamente significativo: se em Garrett a poética pende para o neo-classicismo, já a política reequilibra a balança, pela sua adesão à esquerda democrática; se em Herculano a adesão à poética do Romantismo é mais nítida e explícita, já as suas preferências políticas são as da direita liberal. Mas se os respectivos tempos poéticos são divididos e divergentes, também o são os políticos: e é do seu cruzamento, numa intertemporalidade múltipla, que o Romantismo português é feito, fale-se de um primeiro, de um segundo ou de um terceiro Romantismo, senão dos sucessivos avatares dele, como veremos.

Já Oliveira Martins, no *Portugal Contemporâneo*, num capítulo intitulado *O Romantismo*, delineara com aguda perspicácia esta pluralidade do Romantismo português, correspondente, embora não mecanicamente, à do liberalismo: «o próprio carácter do liberalismo, com a sua falta de critério a não ser a palavra LIBERDADE — uma palavra e nada mais, dizia ele —, era a causa da multiplicação dos modos de a traduzir» [19]. Cada uma dessas traduções constituía uma espécie de Romantismo, oscilando sempre à volta da moderação, do radicalismo e de um termo médio. Foi este que polarizou as posições de Herculano e do segundo Romantismo.

Oliveira Martins situa de modo impressivo o nosso poeta no momento mesmo em que nos interessa surpreendê-lo: o do entrecruzar dos fios temporais da poética e da política. Assim, após ter apurado uma delas, esta vai tornar-se uma voz profética da outra, numa conjunção em que um Romântico se erguerá de corpo e figura inteira, neste Porto Liberal em plena convulsão revolucionária de Setembro de 1836.

Herculano vivera por dentro todas as peripécias, todas as aventuras e desventuras militares e políticas do cerco do Porto e suas sequelas: delas nos deixou páginas repassadas de sofrimento e esperança, no texto fragmentário intitulado *Cenas de Um Ano da Minha Vida*, entre outros. Constantemente nele irrompem, no meio dos apontamentos de factos secos da cam-

---

[18] *O Conceito Garrettiano do Romantismo*, in *Estética do Romantismo em Portugal*, op. cit., p. 98.

[19] *Portugal Contemporâneo*, II, Lisboa, 1953, p. 317.

panha, a iluminação e a revelação do poético. Assim, em plena batalha da Ponte Ferreira, uma das mais duras e perigosas em que participou, encontra tempo e coragem par anotar estas reflexões: «O espírito das ciências económicas neste século tende a nivelar-nos com os brutos, que só cuidam do ventre — tem-se morto todo o poético da existência, resta só o entusiasmo da liberdade, mas alcançada esta, o homem, que precisa do poético, voltará a muitas opiniões antigas» [20]. Do tom filosófico, Herculano passa ao religioso, e ei-lo a meditar, numa missa do galo celebrada entre o povo e a soldadesca, sobre essas horas de comunhão religiosa «em que a grosseira sensibilidade se mistura e enlaça com as ideias do Céu; em que, para assim o exprimir, estas se materializam e aquela se espiritualiza; [...] em que, por dizer tudo, o menos intelectual dos homens é momentaneamente poeta» [21]. E interroga-se: «O que é a poesia?». Para logo responder: «O transfundir o ideal no real — o aproximar o céu da terra, e elevar esta até o céu» [22]. Como se vê, um tema romântico por excelência: a associação do sagrado e do poético. Ele é também o *leitmotiv* de muitos dos poemas escritos por essa época, no rasto do exílio e no auge da guerra civil:

«Do fraticídio a luva
Irmão a irmão lançara,
E o grito: *ai do vencido!*
Nos montes retumbara.

As armas se hão cruzado:
O pó mordeu o forte;
Caiu: dorme tranquilo:
Deu-lhe repouso a morte.

.....

Morrer, morrer que importa!
Final suspiro, ouvi-lo
Há-de a Pátria. Na terra
Irei dormir tranquilo.

Dormir? Só dorme o frio
Cadáver, que não sente;
A alma voa a abrigar-se
Aos pés do Omnipotente» [23].

---

[20] Alexandre Herculano, *Cenas de um Ano da Minha Vida*, Lisboa, 1973, pp. 68-69.
[21] Idem., p. 101 e 102.
[22] Idem, p. 102.
[23] *Poesias*, Lisboa, s. d., pp. 77 e 84. Ortografia actualizada.

Sempre, também, o apelo à luta pela liberdade, que para Herculano se identifica com a crença na consciência divina, mas nada tem a ver com o fanatismo nem com o farisaísmo, políticos ou religiosos, que estigmatiza e amaldiçoa:

«Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
Nos paços dos senhores;
Eu jamais consagrei hino mentido
Da terra aos opressores.
Mal haja o trovador que vai sentar-se
à porta do abastado,
O qual com ouro paga a própria infâmia,
Louvor que foi comprado.
Desonra àquele que ao poder e ao ouro
Prostitui o alaúde!
Deus à poesia deu por alvo a pátria,
Deu a glória e a virtude.
Feliz ou infeliz, triste ou contente,
Livre o poeta seja,
E em hino isento a inspiração transforme
Que na sua alma adeja» [24].

Nomeado 2.º Bibliotecário da Real Biblioteca Pública, tendo jurado a Carta, ele acorre, apesar de dispensado, às batalhas do cerco. Rompido este, dedica-se de alma inteira ao seu cargo: vemo-lo, em documentos existentes no Arquivo da Biblioteca Municipal, a participar no trabalho de organização, de arquivo e de catalogação, todo entregue à sua vocação de investigador e historiador, ao mesmo tempo que escreve incansavelmente em jornais e revistas. É então que esboça, como vimos, o seu projecto de uma Poética do Romantismo, como se pressentisse chegado o momento de ensaiar a sua *Voz de Profeta*, por sobre as ruínas do passado.

Mas demos mais uma vez a palavra a Oliveira Martins, que no-lo põe a viver encarnado no seu verbo poético e político:

> «Eis aí o verbo novo, a palavra da paz, o evangelho da liberdade redentora. O *profeta* sonhava com ela desde 34, sem ainda a ter definido bem claramente; mas entrevendo-a nas afirmações doutrinárias de Mouzinho e nas simpatias de Palmela pelas velhas instituições. E foi nisto que rebentou o tumor democrata (1836). E aos que julgavam a vitória ganha, conquistada a paz, veio a revolução dizer que tudo havia a recomeçar» [25].

---

[24] Idem, p. 85.
[25] *Portugal Contemporâneo*, op. cit., II, p. 319.

A Revolução de Setembro levara Passos Manuel ao poder. A Constituição de 1822 fora reposta em vigor, os cartistas perseguidos. Herculano, apesar de amigo do vencedor, quis manter-se fiel ao seu juramento à Carta e pediu a demissão, juntamente com o 1.º Bibliotecário, do seu cargo na Real Biblioteca Pública. Vale a pena transcrever o documento em que o pedido é consumado, pela sua dignidade exemplar, menos rara então do que hoje o seria, nestes nossos tempos bastardos:

> «A fé que prometi à Carta Constitucional da Monarquia selei-a com as misérias do desterro e com os padecimentos e riscos que passei na emancipação da Pátria; para a conservação de um cargo público, não sacrificarei, portanto, nem a religião do juramento, nem o orgulho, que me inspirou as minhas acções passadas» (Documento datado de 17 de Setembro de 1836) [26].

Homem livre e liberal, Herculano não cedeu nem num ápice quanto às suas convicções profundas, pois não era feito como tantos para rastejar. Do lado oposto, Garrett seguiu o seu próprio caminho, após ter ajudado a preparar a revolução: os dois românticos tinham cada qual assumido a liberdade dos seus destinos. Talvez essa liberdade fosse complementar, no seu duplo idealismo. «Não se creia, porém — como observa com lucidez O. Martins, comentando em tom de coro político — que homens como Herculano e Garrett, pouco *importantes* na política e por isso mesmo mais livres: homens cheios de talento e estudo, não percebessem o fundo real das coisas. A própria inconsistência, a indeterminação mais ou menos sentida das doutrinas que seguiam, davam-lhes ainda uma facilidade maior para verem a verdade» [27].

Herculano, quanto a ele, com a hombridade que o caracterizava, reconheceria mais tarde que «tanto o partido da revolução, como o anti-revolucionário, nenhum tinha em si unidade completa de princípios, nem entre um e outro havia senão antinomias parciais quanto à fronteira do direito político». Dois anos após a revolução de Setembro, um compromisso se estabeleceria entre cartistas e constitucionalistas, com a Constituição de 1838, que era, segundo Herculano, «um campo neutro onde todos se podiam encontrar pacificamente e procurar, sem sair da legalidade, o predomínio das respectivas opiniões» [28].

Entretanto, porém, Herculano, deixando o Porto de retorno a Lisboa — embora mais tarde cá voltasse, como deputado cartista, em 1840 —, ia alcançar uma dupla notoriedade, política e

---

[26] Arquivo da Biblioteca Municipal do Porto. Ver anexo.
[27] *Portugal Contemporâneo*, op. cit., II, p. 325.
[28] *Opúsculos*, v. I, pp. 23-24.

literária. Por um lado, através da publicação, contra o poder da hora, das violentas apóstrofes da *A Voz do Profeta*, na sua prosa ritmada e larga, à imagem das *Paroles d'un Croyant*, de Lammenais; por outro, editando no ano seguinte *A Harpa do Crente*, primeira grande colectânea dos seus poemas que se tornaria, na feliz expressão de Maria de Lourdes Belchior, um «breviário da poesia romântica» [29]; e, finalmente, dirigindo o *Panorama*, revista de grande tiragem que ajudou a criar um público mais largo para o Romantismo liberal. Uma nova fase da sua carreira literária começava, agora mais centrada nas letras, desde a história à polémica e ao romance histórico, a caminho da maturidade. De Herculano partiu em grande parte a terceira geração romântica, que Castilho um momento simbolizou, tendo por altura da estadia do poeta da *Harpa do Crente* no Porto lançado *A Noite do Castelo* e os *Ciúmes do Bardo*, paradigmáticos de um medievalismo a que por outro lado o romance histórico herculaniano dará alento e que conhecerá certa voga, como a conheceria a poesia ultra-romântica.

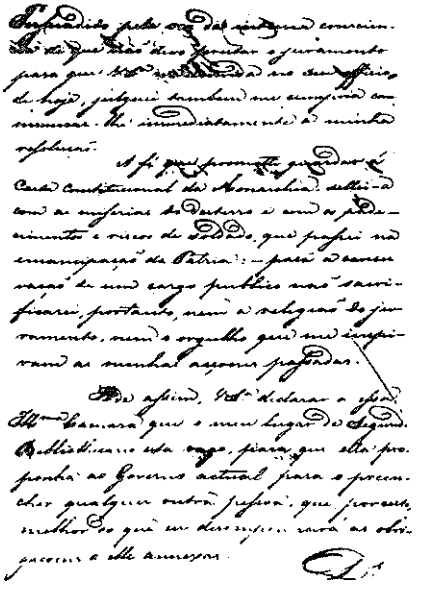
Mas dos prolongamentos pós-românticos do Romantismo não temos aqui que curar, nos seus múltiplos avatares, que atravessarão a Regeneração e a Geração de 70, para reaflorarem no neo-garrettismo *fin-de-siècle* e no Saudosismo, chegando, nas suas metástases, segundo alguns, até para aquém do Modernismo. Mais do que debater a questão do saber se ainda somos ou não românticos, *après la lettre*, importante será lermos hoje de outro modo os nossos autênticos românticos, a começar pelos do Porto, ou pelos que no Porto escreveram, restituindo-os às temporalidades múltiplas de que intertextualmente são entretecidos, e libertando-os por assim dizer da prisão da história, para os abrir ainda e sempre a histórias outras, de que as nossas como leitores também fazem parte. Uns dirão, como Eduardo Lourenço, em função de um Romantismo ideal, que «autêntica perspectiva romântica só a teremos a partir de Antero e com consciência inteira, embora convulsiva e irónica, em Álvaro de Campos» [30]. Outros, como Jorge de Sena, afirmarão pelo contrário que «o Romantismo morre nos primeiros anos do século XX, quando as agitações de vanguarda e as concorrentes transformações do pós-simbolismo, criando o Modernismo, vão transferir a liberdade para *a obra de arte*, invertendo por completo os pressupostos românticos, não apenas por oposição a eles, mas pela transmutação de tudo isso numa concepção diversa» [31]. Perspectivas

---

[29] *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, vol. II, Lisboa, 1978.

[30] *Romantismo e Tempo e Tempo do nosso Romantismo*, op. cit., pp. 105-106.

[31] *Para uma definição periodiológica do Romantismo*, op. cit., pp. 73-74.



Fragmento do pedido de demissão de Alexandre Herculano

complementares, uma a-histórica (ou trans-histórica) e outra historicizante, que reciprocamente se iluminam, se deixarmos o texto romântico entregue à sua pluralidade de linguagens e de sujeitos, onde a pluralidade de tempos se escreve e reescreve.

Assim como Herculano foi, no Porto da revolução liberal, uma consciência romântica que se questionou poeticamente, questionando a Poética, sejamos nós também, hoje, consciências modernas em questão, através de uma revolução de novas linguagens poéticas que as interrogam.